

## PENÉLOPE NA POESIA DE MYRIAM FRAGA: UM ARQUÉTIPO (DES)CONSTRUÍDO

Ricardo Nonato Silva (UFBA/FAPESB)

A produção de literatura de autoria feminina vem sendo atualmente, examinada de forma a se tomar conhecimento de elementos, formações discursivas e imagens (bem como o uso de mitos, etc.) que possam demonstrar como essas autoras imprimiram sua forma de pensamento, utilizando-se, estrategicamente, da linguagem poética construída basicamente pelo Homem (poeta).

Usados e reusados até o modernismo, sempre com seus significados cristalizados, os mitos começaram, na emergência da poesia de autoria feminina, a serem ressignificados, problematizando questões inerentes a nossa humanidade, norteadora de nossas vivências, colocando em discussão o masculino e o feminino na cultura.

O discurso poético é, então, uma forma de contestação de valores, sendo o retorno aos mitos uma maneira de problematizar o discurso da modernidade ainda em vigor, face às novas teorias e críticas que apontam o *não mais lugar* de determinados postulados. É pela linguagem que esse discurso existe. Através dela, as pessoas criam determinadas formas de ver o mundo que vão se modulando, estruturando o pensamento e as formas de conhecimento.

Sendo assim, a poeta “vive dentro de uma cultura que envolve um conjunto de sistemas simbólicos (sendo o principal deles a linguagem), de códigos que, de uma forma ou de outra, prescrevem ou limitam a sua conduta nas práticas sociais”. (ALVES, 2005 p. 29) Dessa forma, os mecanismos de cerceamento social manipulados pelas classes dominantes, em suas formas discursivas, transformadas em *ideologia*, asseguram o domínio sobre grande parte da população.

Segundo Marilena Chauí (1997), é através da ideologia que “são montados um imaginário e uma lógica da identificação social com a função precisa de escamotear o conflito, dissimular a dominação e ocultar a presença do particular, enquanto particular, dando-lhe a aparência do universal”. (p. 21) De modo que as pessoas nem sequer conseguem perceber em seu próprio discurso como essas formas cristalizadas se repetem e dão continuidade, sustentando o discurso dominante.

O mito como elemento cultural amplamente utilizado pelas artes em geral serve, então, não só de elemento motivador da criação artística. Em se tratando da poesia, o mito “é por excelência, o campo mais fecundo do imaginário e é onde se pode observar mais nitidamente o caráter metafórico da linguagem e a sua relação com a consciência mítica” (MONFARDINI, 2005, p.54). Por encerrar uma verdade ou várias verdades, o mito sempre está além dos sentidos fixos, pode contribuir, tanto para nas mãos das classes dominantes reafirmar um discurso legitimador de determinadas verdades, como ser o elemento desestruturador de toda uma ordem.

O modo como o mito foi utilizado no século XIX pela literatura, em especial pela poesia, desde o romantismo, tendo seus sentidos cristalizados e perpetuados, moldando socialmente um homem e uma mulher, segundo modelos idealizados, é na contemporaneidade revisto e reelaborado pelas novas poéticas.

## Myriam Fraga, uma tecelã de mitos.

Na Bahia, desde os anos de 1960, encontra-se a poeta baiana Myriam Fraga, que se utiliza dos mitos greco-romanos, bíblicos, indígenas, além de mitos africanos para tecer sua poesia. Mais presentes na poesia de Myriam Fraga, os mitos greco-romanos são utilizados, não só como fonte de inspiração poética, mas com forte propriedade de ressignificação para representar a complexidade da mulher. Assim, a poeta apropria-se de repertório já definido para redefinir e ressignificar as relações de gênero em sua poesia. De modo, que “compreender a estrutura e função dos mitos nas sociedades tradicionais não significa apenas elucidar uma etapa na história do pensamento humano, mas, também, compreender melhor uma categoria dos nossos contemporâneos”. (ELIADE, 1979, p. 8)

Embora a produção da autora venha sendo estudada constantemente, como revela sua bibliografia, este ângulo – do mito e sua ressignificação para expressar a(s) mulher(es) nem sempre, ou melhor dizendo, quase nunca mereceu um aprofundamento focal. Problematizando as relações de gêneros, a complexidade da linguagem poética do lugar que ela fala, cria um conjunto de imagens (mitos) que devem ser analisados separadamente, como uma maneira de esclarecer sua linguagem poética. O exame dos mitos, provavelmente, poderá fazer vir à tona as estratégias empregadas pela autora.

A poesia de Myriam Fraga desloca os sentidos cristalizados dos mitos, não só dentro da ordem social e política discriminatória, mas, também, e, sobretudo, no interior de uma ordem simbólica, onde a própria linguagem é um instrumento de opressão. Como foi insistentemente sublinhado por Roland Barthes, a língua encarrega-se de marcar a diferença sexual e social, mantendo, por um lado, separados os gêneros feminino e masculino, pelo outro “a servidão e o poder” (BARTHES, 2004 p. 15).

O discurso poético erige várias possibilidades de sentido, de forma que é necessário desmontar todas as camadas da linguagem poética para que se possa ter uma leitura menos restrita. Isso se torna possível mediante a análise do discurso. Discurso aqui, entendido como “instrumento de entrada na ordem do mundo *que* (grifo nosso) mesmo não sendo anterior à organização social, é dela inseparável”. (SCOTT, 1991, p. 15)

A poesia de Myriam Fraga encontra-se mergulhada nas vicissitudes da vida em toda sua complexidade. Em boa parte de seus poemas, o feminino e o mito estão imbricados, sendo necessário, assim, conhecimentos tanto acerca da mitologia, como das teorias de gênero para que se possa “abrir” os sentidos dos poemas, dos *contra discursos* formados dentro de um discurso hegemônico ou, como designa Marilena Chauí (1997), o *discurso competente*; aquele constituído por fortes bases ideológicas. Nesse sentido, “é necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina”. (COLLING, 2004 p. 29)

Para nossa leitura do mito na poesia de Myriam Fraga faremos um recorte, dada a extensa produção da autora com teor mítico. Elegeremos, então, Penélope (personagem mítica localizada na obra de Homero, *Odisséia*), a fim de verificarmos como a autora inscreve um *contra discurso*, partindo de uma estrutura mítica.

Penélope está presente na poesia de Myriam Fraga em três momentos distintos. Sua primeira aparição foi no livro de poemas *Purificações ou o sinal de talião* (1983), seguido de *Deuses Lares* (1991) e *Femina* (1996). Tomaremos para nossa análise, apenas algumas estrofes do poema “Argonautas”, localizado no livro *Purificações ou o sinal de talião*, a fim de procedermos nosso estudo.

“Os argonautas”, título do poema, são na mitologia grega, tripulantes da nau *Argo* que, segundo a lenda grega, foi até à *Cólquida* (atual Geórgia) em busca do Velo de Ouro. Contudo, na poesia de Myriam Fraga a história dos argonautas se mescla à de Ulisses, sua partida para Tróia e seu posterior retorno a Ítaca. Como em outros poemas da poeta, Penélope é aquela que espera, nisto reside algo comum ao texto homérico. Ulisses, por sua vez, é aquele que parte. Podemos perceber, já na *Odisséia*, essa lógica cultural tão fortemente perpetuada no Ocidente, com a ascensão da burguesia e posterior revolução industrial, iniciada no século XVIII. Ao homem, o público; a mulher, o privado. Fica, assim, estabelecido no poema “Os argonautas”, os que *partem* e os que *tecem*. Tais espaços demarcados no nível concreto são, sobretudo, marcos de referência na representação do feminino e do masculino.

Myriam Fraga opõe *tecer* e *partir*, dois extremos divididos pelo ato da espera na esteira da vida. A partir desses dois termos posiciona tanto Ulisses como Penélope em sua trama poética, colocando em dúvida a astúcia de Ulisses:

Há os que partem

E os que tecem,

Na urdidura das sombras

É Penélope

Mais astuta que Ulisses?

Como é sabido, Penélope, no texto homérico (*A Odisséia*), é inspirada por Athena a tecer uma mortalha destinada ao corpo do velho Laertes. Uma mortalha para o corpo do pai de Ulisses, e, também limite mortuário para o corpo do esposo cuja ausência já se estende por vinte anos. “Inevitavelmente, atua sobre a mortalha o princípio da condenação: ela é sudário e lençol de cama”. (BRUNEL, 1997, p. 376). É preciso lembrar, também, que na *Odisséia* de Homero, Penélope é sempre precedida por adjetivos como, “sensata”, “prudente”, “ajuizada”, qualificativos do seu caráter, cabendo a Ulisses, também, seus respectivos qualificativos de herói: o “astuto”, o “guerreiro solerte”, o “nobre”.

A “astúcia” de Penélope frente a Ulisses corrói todo um modelo que tem a mulher circunscrita na estância doméstica e com características diferenciadas em relação ao homem, remetendo a questão da “natureza feminina”. Astúcia é um atributo culturalmente convencionalizado como masculino, cabendo ao feminino outros atributos, modelados socialmente/culturalmente. Segundo Rocha-Coutinho (1994), em decorrência da “naturalização” das funções femininas passou a ser demarcada uma série de características femininas, como, por exemplo, dedicação, abnegação, docilidade, quase todas elas fundadas na concepção do que seria ser uma “boa mãe”. De modo, que ser “sensata”, “prudente”, “ajuizada” passam a ser características, também, de boa mulher/esposa, atuando como elementos delimitadores dos espaços e funções da mulher.

Assim, a linguagem, em seu sentido mais amplo, desempenha papel fundamental na definição e na manutenção da visão de mundo “masculina”, vigente na maioria das sociedades ocidentais modernas, ao mesmo tempo em que delinea e limita o “espaço” feminino, contribuindo, desta forma, para a construção da subjetividade das mulheres. (ROCHA-COUTINHO, 1994, p. 55)

Em ensaio, Ligia Vassalo (2005) já havia indicado na poesia de Myriam Fraga alguns pontos importantes a serem observados na obra da autora baiana:

Compreendemos que a leitura das figuras da mitologia clássica greco-romana adotada na poesia de Myriam Fraga revela contrastes na visão de Feminino e Masculino. Ao âmbito do primeiro correspondem as mantenedoras da vida e das convenções, instaladas no espaço fechado do labirinto, onde permanecem – ou jazem – expectantes e passivas dedicadas ao seu mundo interior. No universo masculino nos deparamos com o espaço aberto do mundo externo, a ultrapassagem de limites (...).

Sendo assim, o texto grego de Homero é deslocado para o contexto da contemporaneidade pela poesia de Myriam Fraga, que, sem fugir a um discurso hegemônico subverte seu interior, inscrevendo um *contra discurso*, estabelecido mediante o questionamento sobre o ato de tecer de Penélope frente à astúcia/heroísmo de Ulisses. O ato heróico de Penélope só pode ser reconhecido exclusivamente por ela. O segredo é que sustenta sua espera. Reclusa em sua atividade, apenas Penélope pode reconhecer a dimensão do seu ato, valorizando, assim, seu heroísmo, porque, afinal, só a ela cabe bordar e desmanchar os pontos, seu ato sempre inconcluso:

Quem dirá na surdina

Do heroísmo dos pontos,

O selvagem pontear

Das agulhas na carne?

“O selvagem pontear”, as “agulhas na carne” apontam a condição do tecido, de quem tece, das circunstâncias do tecer, por fim, do ato heróico travado com o tempo. A trama se estrutura pelo ato desfazer renovando sua espera:

São pontos de um bordado

Que não cresce

Que se renova apenas

Do que tece

e destrói

Nos dedos que noturnos

Desençam

O fio das meadas.

A imagem do fio nos remete a outros personagens mitológicos, entre eles, as Moiras, responsáveis em fiar o destino humano. Mas é com Ariadne que temos no fio o sentido da sobrevivência, do amor, e da entrega. Penélope fia para sobreviver e, com isso, tece seu destino.

A identidade de Penélope se estabelece na trama do bordado: lugar de onde partem todos os seus questionamentos frente ao mundo cerceador. Fazendo e desfazendo suas dúvidas, Penélope realiza a tessitura infinda da vida, da espera, da viagem pelos mares abissais da sua existência, uma circunavegação de si mesma:

No entanto esta tarde é

Como um barco

Onde me ausento

De mim, de meus cansados

Molhes de pedra.

A angústia é meu timão,

Meu astrolábio

Nesta inquieta jornada.

## **Referências**

ALVES, Ivya. **Interfaces**: ensaios críticos sobre escritoras. Ilhéus: Editus, 2005.

BARTHES, Roland. **Aula**. Cultrix: São Paulo, 2004.

BRUNEL, Pierre (Org). **Dicionário de Mitos Literários**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez, 1997.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise (Org.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Perspectiva: São Paulo, 1978.

FRAGA, Myriam. **As Purificações ou o Sinal do Talião**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1981.

MONFARDINI, Adriana. O mito e literatura. **Terra roxa e outras terras**: revista de estudos literários, v. 5, p. 50-61, 2005.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. **Tecendo por trás dos panos**: a mulher brasileira nas relações familiares. Rocco: Rio de Janeiro, 1994.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil da análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, 1990.